

LÍNGUAS

2/4/57

SÓ agora estou tomando conhecimento de um projeto, que já teria sido aprovado na Câmara, tornando obrigatório no curso secundário apenas o estudo de uma língua — o francês ou o inglês — e não das duas, como era até agora.

Aprovado esse projeto, acontecerá isso, na certa: a maioria dos alunos optará pelo inglês. Uns por influência do cinema, a maioria pela necessidade de aprender a língua do país mais forte industrialmente, a língua que dá melhores empregos, a língua que rende mais dinheiro. E as novas gerações brasileiras cresceriam sem saber o francês, que foi o grande instrumento de contacto de suas antecessoras com a cultura ocidental.

Essa reforma viria, sem dúvida, empobrecer a nossa cultura e encurtar os horizontes de nossa mocidade. Que se pode alegar em seu favor? Apenas isto: que diminui de uma matéria o sobrecarregado currículo de nosso curso ginásial. Também sou a favor da simplificação do curso secundário, onde se tenta ensinar demasiadas coisas e a rapaziada acaba por aprender demasiado pouco. Se é necessário fazer cortes, que se evite, porém, fazê-lo no campo das línguas vivas. Mesmo sendo muito ruim, como em 90 por cento das vezes, o ensino de francês e inglês nos ginásios, dada a dificuldade de conseguir, principalmente no interior, professores bons — a verdade é que as noções de línguas são uma das coisas que se aproveitam do ginásio. Mesmo que o aluno não aprenda a falar e a escrever bem essas línguas, ele adquire noções que facilitam muito um melhor aprendizado posterior, porque são gravadas na memória em uma idade em que é fácil gravar coisas na memória. O que ele aprende nessas duas aulas é algo de realmente útil, ao contrário de muitas outras matérias de que não guardará mais que uma vaga lembrança, que se perde com o correr dos tempos. Meu Deus, quando me lembro que estudei trigonometria!

O autor desse projeto deixou de lado o verdadeiro fantasma do curso secundário: o latim. Agora que depois do ginásio vem a divisão entre cursos clássico e científico, o inteligente, o normal, é que o latim ficasse para o clássico. Não; anos a fio o pobre estudante quebra a cabeça com declinações. Que fôsse um ano de latim, com um programa bem estudado e bem medido para que o rapaz aprendesse algumas noções dessa língua, vá lá. Mas a intenção do legislador foi, parece, fazer com que todo rapaz aprendesse latim de verdade, como se todos fôssem ser humanistas ou estudar para padre. O resultado é que no fim do curso o ginásiano odeia o latim — e não sabe coisa alguma de latim. Isto é uma verdade que toda gente sabe, porque é a verdade de todo dia.

A intenção do legislador foi talvez muito bonita — criar gerações que trocassem as histórias em quadrinhos pelos poemas de Ovídio, rapazes e moças que levassem o seu Horácio para ler na praia. Mas o único benefício desse sistema é garantir emprego a um certo número de padres ou ex-padres — ao mesmo tempo que se sobrecarrega de maneira escandalosamente inútil a cabeça e o tempo da meninada.

Esperemos que o Senado defenda a língua francesa, a grande, a tradicional, a inestimável amiga de nosso espírito. O inglês, mesmo que fôsse o caso, não precisaria de defesa: tem o cinema, o jazz e o dólar ao seu lado; poderia até dispensar o prestígio do gênio de Shakespeare...